

A DIMENSÃO DESCONHECIDA



A dimensão desconhecida

Nona Fernández

tradução de
Silvia Massimini Felix



*Para M, D e P,
minhas letras fundamentais*



Mais além do conhecido há outra dimensão.

Você acaba de atravessar o umbral.

The Twilight Zone



*Imagino e faço com que sejam testemunhas as velhas árvores,
o cimento que sustenta meus pés,
o ar que circula pesado e não abandona essa paisagem.*

*Imagino e completo os relatos truncados,
recrio as histórias pela metade.*

Imagino e posso ressuscitar os rastros do tiroteio.



ZONA DE INGRESSO

Eu o imagino andando por uma rua do centro. Um homem alto e magro, de cabelos pretos, com bigodes espessos e escuros. Na mão esquerda, traz uma revista dobrada. Aperta-a com força, parece que ela o mantém firme à medida que avança. Imagino-o apressado, fumando um cigarro, olhando de um lado para o outro nervoso, certificando-se de que ninguém o segue. É o mês de agosto. Especificamente a manhã de 27 de agosto de 1984. Imagino-o entrando em um prédio no cruzamento da rua Huérfanos com a Bandera. Trata-se da redação da revista *Cauce*, mas isso eu não imagino, isso eu li. A recepcionista do lugar o reconhece. Não é a primeira vez que ele faz o mesmo pedido: precisa falar com a jornalista que escreveu o artigo na revista que ele traz. Tenho dificuldade de imaginar a mulher na recepção. Não consigo configurar um rosto claro para ela, nem mesmo a expressão com a qual fita esse homem nervoso, mas sei que desconfia dele e de sua urgência. Imagino que tente dissuadi-lo, que lhe diz que a pessoa que ele está procurando não está lá, que não vem todos os dias, que não insista, que vá embora, que não volte, e também imagino, porque é esse o meu papel nesta história, que a cena é interrompida por uma voz feminina que, se eu fechar os olhos, também posso imaginar enquanto escrevo.

Você está procurando por mim, diz. O que você quer?

O homem observa em detalhes a mulher que falou com ele. Provavelmente a conhece bem. Deve tê-la visto antes em alguma fotografia. Talvez a tenha seguido ou pesquisado um arquivo com seus antecedentes. Ela é a mulher que ele procura. Aquela que escreveu o artigo que ele leu e traz consigo. Ele sabe. É por isso que se aproxima dela e estende a mão direita, dando-lhe seu cartão de identificação como membro das Forças Armadas.

Imagino que a jornalista não esperava algo assim. Olha para o cartão, confusa. Eu poderia acrescentar: assustada. Andrés Antonio Valenzuela Morales, primeiro soldado, carteira de identidade 39.432 da comuna de La Ligua. Junto às informações, uma fotografia com o número de registro 66.650, que eu não imagino, que eu leio aqui, no depoimento que a mesma jornalista escreveu algum tempo depois.

Quero falar com você sobre coisas que fiz, o homem diz olhando nos olhos dela, e imagino um leve tremor em sua voz no momento de pronunciar essas palavras que não são imaginadas. Quero falar com você sobre o desaparecimento de pessoas.

A primeira vez que o vi foi na capa de uma revista. Era uma revista *Cauce*, uma daquelas que eu lia sem entender quem eram os protagonistas de todas aquelas manchetes que relatavam ataques, sequestros, operações, crimes, golpes, processos, denúncias e outros eventos horríveis da época. “Suposto autor do atentado era o chefe local da CNI”, “Degolados continuam penando em La Moneda”, “Foi assim que planejaram matar Tucapel Jiménez”, “A DINA teria ordenado os fuzilamentos de Calama”. Minha leitura do mundo aos treze anos era pautada pelas páginas daquelas revistas que não eram minhas, que eram de todos, e que circulavam de mão em mão entre meus colegas do colégio. As imagens que apareciam em cada exemplar iam montando um panorama confuso do qual eu nunca conseguia fazer um mapa completo, mas em que cada detalhe obscuro ficava me rondando em algum sonho.

Lembro-me de uma cena inventada. Eu mesma a imaginei a partir da leitura de um artigo. Na capa, estava o desenho de um homem sentado em uma cadeira com os olhos vendados. A seu lado, um agente o interrogava sob um grande foco de luz. Dentro da revista havia uma espécie de catálogo com as formas de tortura registradas até então. Lá eu li depoimentos de algumas vítimas e vi gráficos e desenhos saídos como se de um li-

vro medieval. Não me lembro de tudo em detalhes, mas tenho uma vívida lembrança da história de uma jovem de dezesseis anos que contava que, no centro de detenção onde ela estava, tinham tirado suas roupas, emporcalhado seu corpo com excrementos e a trancado em um quarto escuro cheio de ratos.

Eu não queria, mas inevitavelmente imaginei aquele quarto escuro cheio de ratos.

Sonhei com aquele lugar e despertei daquele sonho muitas vezes.

Agora mesmo não consigo espantá-lo de vez e talvez seja por isso que estou escrevendo aqui, como uma maneira de tirá-lo de cima de mim.

Como parte desse mesmo sonho, ou talvez de outro parecido, herdei o homem que imagino. Um homem comum, como qualquer outro, sem nada em particular, exceto aqueles bigodes espessos que, pelo menos para mim, chamaram a atenção. Seu rosto na capa de uma dessas revistas, e acima de sua foto uma manchete em letras brancas que dizia: EU TORTUREI. Abaixo, outra frase na qual se podia ler: TESTEMUNHO ESPANTOSO DE UM FUNCIONÁRIO DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA. No interior, vinha uma separata em que se publicava uma longa e exclusiva entrevista. Nela, o homem fazia um trajeto por todo o seu tempo como agente de inteligência, desde quando ele era um jovem recruta da Força Aérea até o momento em que veio dar seu depoimento à revista. Eram folhas e folhas com informações detalhadas sobre o que ele tinha feito, com nomes de agentes, prisioneiros, delatores, com endereços de centros de detenção, com a localização de lugares onde se enterraram corpos, com a especificidade dos métodos de tortura, com o

relato de muitas operações. Páginas azul-claras, eu me lembro bem, nas quais entrei por um momento em uma espécie de realidade paralela, infinita e escura, como aquele quarto com que eu sonhava. Um universo perturbador que pressentíamos lá fora, escondido além dos limites do colégio e de nossa casa, em que tudo acontecia sob uma lógica pautada pelas regras do confinamento e dos ratos. Uma história de terror contada e protagonizada por um cavalheiro comum, parecido com nosso professor de ciências, assim pensamos, com aquele bigode tão grosso sobre os lábios. O homem que torturava não falava sobre ratos na entrevista, mas poderia perfeitamente ser o domador de todos eles. Acho que imaginei isso. Um encantador de ratos tocando uma melodia que obrigava a segui-lo, que não deixava outra alternativa a não ser avançar na fila e entrar naquele lugar perturbador em que ele vivia. Não parecia um monstro ou um gigante malévolo, nem um psicopata do qual era preciso fugir. Nem sequer era visto como aqueles carabineiros que, com botas, capacete e escudo, nos enchiam de golpes de cassetete nas manifestações de rua. O homem que torturava podia ser qualquer um. Até nosso professor do colégio.

A segunda vez que o vi foi vinte e cinco anos depois. Eu estava trabalhando na escrita de uma série de televisão em que uma das tramas era protagonizada por um personagem inspirado nele. Era uma série de ficção em que havia muito romance, é claro, assim deve ser na televisão, mas também, sendo justos com o material e com a época em que se passava a história, perseguição e morte.

O personagem que construímos era um agente de inteligência que, depois de participar de operações de detenção e tortura de pessoas, voltava para casa, ouvia uma fita cassete com músicas românticas e lia revistas do Homem-Aranha com

seu filho na hora de dormir. Durante doze capítulos acompanhamos de perto sua vida dupla, essa divisão absoluta entre o íntimo e o trabalho que, secretamente, o consumia. Ele não se sentia mais confortável em seu trabalho, seus nervos começaram a traí-lo, os calmantes não faziam mais efeito, ele não dormia nem comia, parava de falar com sua esposa, de tocar seu filho, de interagir com seus companheiros. Sentia-se doente, angustiado e atemorizado por seus superiores, preso em uma realidade da qual não sabia como fugir. No clímax da série, ele ia até seus próprios inimigos e lhes entregava o testemunho brutal do que tinha feito como agente de inteligência, em um gesto desesperado de catarse e alívio.

Para escrever a série, voltei à entrevista que tinha lido quando era adolescente.

Lá o vi de novo na capa.

Seu bigode grosso, seus olhos escuros olhando para mim do outro lado do papel e aquela frase impressa sob sua fotografia: EU TORTUREI.

O feitiço permanecia intacto. Como um ímã, eu estava novamente obcecada por sua figura, disposta a segui-lo aonde quer que seu testemunho me levasse. Li com atenção cada linha do que ele disse. Vinte e cinco anos depois, meu confuso mapa ia se concentrando em algumas zonas. Agora reconhecia claramente quem eles eram e que papel desempenhavam todos esses nomes e siglas que ele mencionava. Coronel Edgar Ceballos Jones, da Força Aérea; general Enrique Ruiz Bunguer, diretor de Inteligência da Força Aérea; José Weibel Navarrete, dirigente do Partido Comunista; o admirado Quila Rodríguez Gallardo, membro do Partido Comunista; Wally, agente civil do

Comando Conjunto; o Fanta, ex-militante do Partido Comunista e mais tarde delator e perseguidor; o Fifo Palma, Carlos Contreras Maluje, Yuri Gahona, Carol Flores, Guillermo Bratti, René Basoa, o Coño Molina, o Señor Velasco, o Patán, o Yerko, o Lutti, La Firma, Peldehue, Remo Cero, Ninho 18, Ninho 20, Ninho 22, a Comunidade de Inteligência de Juan Antonio Ríos. A lista é interminável. Voltei a entrar nessa dimensão escura, mas dessa vez com uma lanterna que eu carregara por anos e que me permitia me mover muito melhor lá dentro. A luz dessa lanterna iluminou minha jornada e eu tinha certeza de que todos os dados entregues pelo homem que torturava não só estavam lá para surpreender o leitor dessa época e abrir seus olhos para o pesadelo, mas também haviam sido lançados e publicados para deter a mecânica do mal. Eram uma prova clara e concreta, uma mensagem enviada do outro lado do espelho, irrefutável e real, para provar que todo aquele universo paralelo e invisível era verdadeiro, não uma invenção fantasiosa, como muitas vezes se disse.

A última vez que o vi foi há algumas semanas. Trabalho no roteiro do documentário de alguns amigos sobre o Vicariato da Solidariedade, uma organização da Igreja Católica que foi criada em plena ditadura para ajudar as vítimas. O filme é um registro do trabalho de contrainteligência que foi desenvolvido principalmente pelos advogados e assistentes sociais da organização. A partir dos depoimentos e de todo o material que iam armazenando com cada caso de desaparecimento forçado, de detenção, de sequestro, tortura ou qualquer outra agressão que encontrassem, apareceram dados que ajudaram a conformar uma espécie de panorama da repressão. Estudando obsessivamente esse panorama, a equipe do Vicariato tentava desvendar

a lógica sinistra que circulava ali dentro para, com sorte, antecipar as ações dos agentes e salvar vidas.

Estamos trabalhando no filme há anos e o material é tão intenso que nos faz ficar um pouco nauseados. Meus amigos, os autores do documentário, gravaram horas e horas de entrevistas com os protagonistas da história. Cada um narrou para a câmera sua chegada à organização, seu trabalho nela e a estranha maneira como foram se convertendo em detetives, espões, investigadores secretos. Todos eles acabaram analisando informações, interrogando, organizando operações, construindo um reflexo dos serviços de segurança do inimigo, mas com propósitos mais nobres. O que foi registrado em cada entrevista é de total interesse, apresentado com tal nível de aprofundamento que a seleção se tornou muito difícil. É por isso que, toda vez que eu me preparo para uma sessão de trabalho, precisa ser muito cedo pela manhã, com um café forte ao meu lado, para ficar o mais lúcida possível.

A manhã que quero narrar é uma dessas. Chuveiro, café, caderno de anotações, lápis e o botão de play para iniciar o novo trecho a ser revisado. Ao fazê-lo, eu tomava notas, congelava imagens, experimentava cortes mentais, ouvia repetidamente alguns pontos para me convencer se eram necessários ou não. Estava nisso, no meio de depoimentos, entrevistas e imagens de arquivo conhecidas e revisadas milhões de vezes, quando inesperadamente apareceu ele, o homem que torturava.

Estava diante de mim. Já não era apenas uma imagem imóvel impressa em uma revista.

Agora seu rosto adquiria vida na tela, ressuscitava aquele velho feitiço e se apresentava pela primeira vez em movimento. Seus olhos piscavam diante da câmera, suas sobrancelhas se

moviam de modo sutil. Inclusive eu podia reconhecer a imperceptível oscilação de seu peito ao respirar.

Meus amigos me explicaram que, aproveitando uma visita, eles tinham conseguido uma entrevista. O homem não regressava desde os anos 80, época em que deu seu depoimento e saiu do país clandestinamente. Trinta anos depois voltaria para ir aos tribunais e continuar fazendo suas declarações, mas dessa vez em casos específicos diante de um ou mais juízes. A ideia tinha sido dele, não o haviam chamado. Mesmo os funcionários da polícia e do Ministério do Interior da França, encarregados de sua segurança todos esses anos, tentaram dissuadi-lo. A imagem que vi naquela manhã na tela de minha televisão era a de um homem que havia regressado a seu país depois de muito tempo com a convicção de que deveria encerrar um capítulo. De fato, assim declarou na única entrevista que deu à imprensa durante sua breve estada no Chile.

Agora que escrevo, volto a enquadrar essa imagem em minha tela.

É ele. Está ali, do outro lado do vidro.

O homem que torturava olha para o meu rosto como se estivesse realmente me observando. Tem os mesmos bigodes grossos, mas agora eles não são mais pretos, já são grisalhos, da mesma forma que seu cabelo. Trinta anos se passaram desde aquela foto na capa da revista *Cauce*. Trinta anos que são delatados pelas rugas que lhe sulcam a testa e o cenho, pelos óculos antirreflexo que ele usa e pelos cabelos grisalhos que já mencionei. Ele fala com uma voz que eu não conhecia. Um tom calmo, muito diferente do que ele deve ter tido no mo-

mento em que veio testemunhar no ano de 1984. Sua voz inclusive é suave, tímida, muito diferente de como eu a imaginava. Eu poderia dizer que ele responde às perguntas que meus amigos lhe fazem com relutância, sem querer fazê-lo, mas com a convicção de que é um dever, como se estivesse cumprindo a ordem de um superior.

Olho para ele e penso nisto, na necessidade secreta de cumprir sempre a ordem de algum superior.

Agora é tudo parte de uma história antiga, e ele usa muito a expressão “eu me lembro de que”, enquanto seus olhos delatam o exercício da memória. Há apenas algumas frases dessa entrevista que me chamam a atenção. Frases dele que eu não tinha lido antes em nenhum lugar, e que o homem pronuncia com um gesto calmo, jogando-as no ar para que eu as recolha e escreva.

Lembro-me das primeiras marchas.

As pessoas saíam às ruas com cartazes de seus familiares desaparecidos.

Às vezes eu circulava entre aquelas pessoas.

Eu via aquelas mulheres, aqueles homens.

Olhava para as fotos que eles carregavam e dizia:

eles não sabem, mas eu sei onde essa pessoa está,

eu sei o que aconteceu com ela.

Meu rosto se reflete na tela da tevê e minha cara se funde com a dele. Eu me vejo atrás dele, ou na frente dele, não sei. Pareço um fantasma na imagem, uma sombra que o ronda, como um espião que o vigia sem que ele perceba. Acho que em

parte sou isto, agora que o observo: um espião que o vigia sem que ele perceba. Está tão perto que eu poderia falar no seu ouvido. Transmitir-lhe alguma mensagem que ele tomaria como seu próprio pensamento porque não me vê, não sabe que estou aqui com a intenção de falar com ele. Ou melhor, de escrever para ele, que é a única coisa que eu sei fazer. Poderia ser um par de frases no vidro da tela, diante de seus olhos, que ele leria como uma aparição paranormal. Um sinal de além-túmulo ao qual deve estar acostumado. Uma mensagem em uma garrafa de vidro jogada no mar negro onde naufragam todos aqueles que já habitaram essa dimensão paralela e escura. Embora não seja fácil, conseguiria seus dados e escreveria uma carta tentando fazer contato. A carta seria muito formal, usando aquilo de “caro”, eu me dirijo ao senhor, minhas cordiais saudações, porque acho que só assim ele poderia chegar a lê-la. Nela, eu lhe diria que quero escrever sobre ele e que me parece justo informá-lo e talvez, se ele se animar, torná-lo parte desse projeto que imagino.

Caro Andrés:

Não nos conhecemos pessoalmente e espero que a coragem de obter seu endereço e tomar a liberdade de escrever para o senhor não vá impedi-lo de continuar a ler esta carta. A razão dela é que eu gostaria de contatá-lo, pois tenho a esperança de escrever um livro com sua figura. Por quê?, o senhor se perguntará, de forma justa, e eu posso responder que eu mesma me fiz essa pergunta sem encontrar uma resposta satisfatória. As razões não são claras porque, em geral, eu nunca tenho certeza do motivo das minhas obsessões e o senhor, com o tempo, tornou-se isto para mim, uma obsessão. Sem saber, estou em seu encaço desde os treze anos, quando o vi na capa da revista *Cauce*. Eu não entendia, e ainda não entendo, tudo o que

aconteceu à minha volta quando criança, e suponho que tentando entender um pouco fiquei enfeitiçada por suas palavras, pela possibilidade de decifrar através delas o enigma. Mais tarde, por razões de interesse e trabalho, conheci em detalhes sua história e consegui ler todo o material que foi publicado sobre ela, material que ainda me parece escasso e mesquinho, dado o valor dos dados que o senhor entregou. Agora que estou lhe escrevendo, tento novamente esclarecer minhas motivações para não parecer tão vaga na sua frente, mas só posso dizer honestamente que mais perguntas aparecem em resposta.

Por que escrever sobre o senhor? Por que ressuscitar uma história que começou há mais de quarenta anos? Por que falar de novo sobre corvos, choques elétricos e ratos? Por que falar de novo sobre o desaparecimento de pessoas? Por que falar de um homem que participou de tudo isso e a certa altura decidiu que não poderia mais fazê-lo? Como se decide que já não se pode mais? Qual é o limite para tomar essa decisão? Existe um limite? Todos temos o mesmo limite? O que eu teria feito se, aos dezoito anos, como o senhor, eu tivesse entrado no serviço militar obrigatório e meu superior tivesse me levado para vigiar um grupo de presos políticos? Eu teria feito meu trabalho? Teria escapado? Teria entendido que esse seria o começo do fim? O que meu parceiro teria feito? O que meu pai teria feito? O que meu filho faria naquele lugar? Alguém tem de ocupar aquele lugar? De quem são as imagens que rondam minha cabeça? De quem são os gritos? Eu os li no depoimento que o senhor deu à jornalista ou eu mesma os ouvi certa vez? São parte de uma cena sua ou de uma cena minha? Existe um limite tênue que separe os sonhos coletivos? Há algum lugar onde o senhor e eu sonhamos com uma sala escura cheia de ratos? Essas imagens também se colam em sua vigília, sem deixá-lo dormir? Algum dia poderemos escapar desse sonho? Po-

deremos sair de lá e dar ao mundo a má notícia do que fomos capazes de fazer?

Quando eu era criança, diziam-me que se eu me comportasse mal o homem do saco ia me levar. Todas as crianças que não obedeciam a seus pais desapareciam no saco infinito e escuro daquele homem malvado. Longe de me assustar, essa história sempre me deixou curiosa. Secretamente eu queria conhecer aquele homem, abrir seu saco, entrar nele, ver as crianças desaparecidas e conhecer o coração do negro mistério. Eu imaginei isso muitas vezes. Dei-lhe um rosto, um terno, um par de sapatos. Ao fazê-lo, sua figura se tornava mais perturbadora, porque normalmente o rosto que eu punha nele era um conhecido, o do meu pai, o do meu tio, o do dono da vendinha da esquina, o do mecânico da oficina ao lado, o do meu professor de ciências. Todos podiam ser o homem do saco. Até mesmo eu, se me olhasse no espelho e pintasse um bigode, talvez pudesse assumir esse papel.

Estimado Andrés, sou a mulher que quer olhar dentro do saco.

Estimado Andrés, sou a mulher que está disposta a pintar um bigode para assumir seu papel.

Se o senhor chegou ao final desta carta e meu pedido não lhe parece absurdo ou inapropriado, agradeceria se pudesse me escrever neste mesmo endereço. Estarei atenta esperando sua resposta.